

Paradigmas Vs. Métodos: Uma abordagem metodológica sobre o processo de tomada de decisão dos investigadores

Paradigms Vs. Methods: A Methodological Approach to the Decision-Making Process of Researchers

- ¹ Manuel Orlando Capuma  <https://orcid.org/0009-0002-7906-720X>
Doutor em Ciências da Educação, Universidade Rainha Njinga A Mbande, Malanje, Angola.
manuelorlando180@uninjingambande.ed.ao



Artículo de Investigación Científica y Tecnológica

Enviado: 16/01/2025

Revisado: 10/02/2025

Aceptado: 05/03/2025

Publicado: 05/04/2025

DOI: <https://doi.org/10.33262/ct.v4i2.66>

Cítese: Orlando Capuma, M. (2025). Paradigmas Vs. Métodos: Uma abordagem metodológica sobre o processo de tomada de decisão dos investigadores. *Ciencia & Turismo*, 4(2), 126-138. <https://doi.org/10.33262/ct.v4i2.66>



CIENCIA & TURISMO, es una revista multidisciplinaria, trimestral, que se publicará en soporte electrónico tiene como misión contribuir a la formación de profesionales competentes con visión humanística y crítica que sean capaces de exponer sus resultados investigativos y científicos en la misma medida que se promueva mediante su intervención cambios positivos en la sociedad. <https://cienciadigital.org>
La revista es editada por la Editorial Ciencia Digital (Editorial de prestigio registrada en la Cámara Ecuatoriana de Libro con No de Afiliación 663) www.celibro.org.ec



Esta revista está protegida bajo una licencia Creative Commons AttributionNonCommercialNoDerivatives 4.0 International. Copia de la licencia: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



Palabras**claves:**

Paradigmas,
Métodos,
opções
metodológicas.

Keywords:

Paradigms,
methods,
Methodological
choices.

Resumen

Introdução. Num processo de investigação somos frequentemente confrontados com a questão das opções que, invariavelmente, nos levam a fazer escolhas. Mas as escolhas/opções que fazemos, sobretudo em relação aos paradigmas e aos métodos, são conscientes ou bem informadas?. **Objetivo.** Neste pequeno excerto, procuramos discutir o assunto dos paradigmas de modo a permitir uma abordagem crítica e consciente sobre os paradigmas e a opção dos métodos qualitativos, quantitativos e/ou ainda a adoção por um *mix* método quali-quantitativo. Por outras palavras, este excerto tem por objetivo discutir alguns aspetos relacionados aos paradigmas, métodos e as opções metodológicas no processo de pesquisa de uma investigação científica. **Metodología.** O presente artigo é parte do capítulo da metodologia do trabalho que realizamos ao nível do doutoramento sobre a gestão intermédia nas escolas do contexto educativo angolano. Trata-se de um processo de revisão de literatura sobre questões que têm que ver com os paradigmas de investigação onde se questiona, por exemplo, o que diferencia um paradigma de outro? É possível, num mesmo estudo, utilizar uma abordagem mista? Como são tomadas as decisões de escolha dos métodos por parte do investigador?. **Conclusões.** Da análise que empreendemos na literatura sobre os aspetos relacionados com os paradigmas, métodos e opções metodológicas, concluímos que, independentemente das opções, em termos de paradigmas e métodos, o mais importante é que essas decisões sejam bem informadas. **Área de estudo geral: Metodología de investigación. Área de estudo específica: Metodología de investigación em Ciências da Educação.**

Introduction. In a research process we are often faced with the question of options that, invariably, lead us to make choices. But are the choices/options we make, especially in relation to paradigms and methods, conscious or well-informed?. **Objective.** In this short excerpt, we seek to discuss the subject of paradigms in order to allow a critical and conscious approach to paradigms and the option of qualitative, quantitative methods and/or even the adoption of a qualitative-quantitative method mix. In other words, this excerpt aims to discuss some aspects related to paradigms, methods and methodological options in the research process of a scientific investigation. **Methodology.** This article is part of the chapter on

the methodology of the work we carried out at doctoral level on intermediate management in schools in the Angolan educational context. It is a process of literature review on issues that have to do with research paradigms where the question is asked, for example, what differentiates one paradigm from another? Is it possible, in the same study, to use a mixed approach? How are the researcher's decisions regarding the choice of methods made?. **Conclusion.** From the analysis we carried out in the literature on aspects related to metrological paradigms, methods and options, we concluded that, regardless of the options, in terms of paradigms and methods, the most important thing is that these decisions are well informed. **General area of study:** Research methodology. **Specific area of study:** Research methodology in Educational Sciences.

1. Introdução

Aquilo que é comum, aquilo que é aceite e partilhado dentro de uma determinada comunidade científica (ou numa sociedade) pode ser assumido como sendo um paradigma influenciando e, na maioria das vezes, até mesmo determinando as crenças, normas, práticas, valores dentro da referida comunidade.

No dia a dia, de forma consciente ou inconsciente também nos servimos de certos paradigmas para guiar as nossas ações. Nesta linha de ideias, pode se dizer que, por exemplo, existem nas sociedades em que vivemos paradigmas que conduzem o sistema legal, paradigmas que determinam a seleção dos “melhores” atletas numa determinada modalidade desportiva e não só, paradigmas que guiam a vida moral, espiritual, religiosa entre outros. Os exemplos referidos atrás, se inscrevem na linha de pensamento de Guba (1990) embora, Kuhn (1994), por seu lado, não aplica o termo fora do âmbito científico.

No campo científico, o que mais nos interessa considerar, a clarificação do termo paradigma é feita, com mais profundidade, em finais da década de 50 do século XX. Olhando para a diversidade de perspectivas de investigação entre as comunidades das ciências sociais e a comunidade das ciências naturais; observando, também, os desacordos entre ambas em relação à natureza dos métodos e aos problemas científicos considerados “legítimos”, o conceito de paradigma é enunciado como “[...] as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”(Kuhn, 1994, p. 13). Na expressão “durante algum tempo” pode-se perceber que o paradigma adotado

por uma comunidade científica não é eterno e nem, tão pouco, insubstituível sendo aceite na medida em que se consegue, a partir dele, formular problemas e apresentar soluções.

Na área em que nos situamos, não se elege a apresentação de soluções como objetivo principal. Porém, nota-se claramente que, em certos pontos da definição de paradigma, Kuhn (1994) apresenta a sua preferência em relação ao paradigma no qual foi treinado – o que se inscreve no âmbito das ciências naturais (o da Física para sermos mais específicos).

Retomando a discussão da não eternidade do paradigma, refira-se que quando à luz de um determinado paradigma já não se consegue corrigir anomalias consideradas relevantes, as limitações vêm ao de cima, originando com isso um processo de revolução científica – considerado como o padrão normal do desenvolvimento de uma “ciência amadurecida”¹. Assim, na asserção Kuhniana do termo, é difícil falar-se em hibridismo paradigmático, em pluralidade paradigmática ou até mesmo num paradigma quali-quantitativo, pois nesta perspectiva os paradigmas são únicos e, de certo modo, estão em constantes confrontos e tensões uns para com os outros, ou seja, o que carrega sentido à luz de um paradigma já não faz tanto sentido à luz de outro – tendo em conta o processo de revolução. Logo, “[...] existem circunstâncias, embora eu pense que são raras, nas quais dois paradigmas podem coexistir pacificamente nos períodos pós-paradigmáticos (Kuhn, 1994, p. 14).

1.1. O que diferencia um paradigma de outro?

O debate sobre a questão levantada acima teve o seu início na década de 50 do século XX. Esse assunto, abriu o primeiro dos dois grandes debates no que diz respeito aos paradigmas - debate que se estende até aos dias de hoje (cf. Denzin, 2010, p. 421).

No conceito de paradigma enunciado por Kuhn (1994) pode se perceber que, com o passar do tempo, certos paradigmas podem emergir num dado campo de investigação fruto de um processo de revolução. Mas, este elemento por si só não explica ao fundo o cerne da questão aqui levantada, ou seja, o elemento tempo é apenas um invólucro uma membrana que precisamos romper para termos noção do que está mais além do processo de revolução. Assim, não negando o facto de que possa haver outros, entende-se que, no essencial, o que diferencia um paradigma de outro são: as questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas que cada um deles levanta. São estas questões que, em alguns casos, influenciam e, noutros, determinam as opções e os posicionamentos dos investigadores numa determinada investigação e, desde já, não se pode negar que o seu conhecimento joga um papel importante no desenvolvimento do processo de investigação na área em que nos movemos, revemos, inscrevemos e nos propomos investigar. *What is*

¹ Para Kuhn, muitas das ciências - fora do âmbito das ciências naturais - eram pré-paradigmáticas, ou seja, ainda não eran/estavam amadurecidas.

the nature of the “knowble”? Or, *what is the nature of “reality”?* é uma questão ontológica; *What is the nature of the relationship between the knower (the inquirer) and the known (or knowable)?* é uma questão epistemológica e *How should the inquirer go about finding out knowledge?* Por fim, é uma questão metodológica (cf. Guba, 1990, p. 18). As questões levantadas acima podem nos ajudar a identificar os paradigmas e conhecer os seus pontos de divergência e reforçando a questão:

A paradigm is a world view, a general perspective, a way of breaking down the complexity of the real world. As a such, paradigms are deeply embedded in the socialization of adherents and practitioners: Paradigms tell them what is important, legitimate, and reasonable. Paradigms are also normative, telling the practitioner what to do without the necessity of long existential or epistemological consideration (Patton, 1990, p. 37)

Muitos, dos tópicos incorporados nesta definição são discutidos um pouco mais adiante neste excerto no tópico dos paradigmas e métodos. Por agora, gostaríamos de apresentar, não apenas os conceitos, mas as correntes designadas como tal. Afinal quais são, então, os paradigmas que aqui pretendemos discutir em concreto? Como se diferenciam uns aos outros em relação às questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas? Para responder à questão, nos baseamos, principalmente, nas propostas apresentadas por Guba e Lincoln (1988) e Guba (1990). Assim, no quadro – 1, apresentamos de forma resumida os paradigmas e as suas inquietações ontológicas epistemológicas e metodológicas.

Quadro 1

Os paradigmas e as suas questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas.

| Paradigms | Ontology | Epistemology | Methodology |
|-----------------|------------------|---------------------|---------------------------------------|
| Positivism | Realist | Dualist/objectivist | Experimental/manipulative |
| Pospositivism | Critical realist | Modified objetivist | Modified Experimental/manipulative |
| Critical Theory | Critical realist | Subjectivist | Dialogic, transformative |
| Constructivism | Relativist | Subjectivist | Hermeneutic, dialectic |

Fonte: Adaptado de Guba e Lincoln (1988); Guba (1990).

A partir do quadro 1, antes de assinalar os desacordos entre os paradigmas em função das suas bases ontológicas, epistemológicas e metodológicas no quadro 1, passaremos de forma resumida as principais características de cada um dos paradigmas nele descrito. Começando pelo primeiro, como, realmente, as coisas são? e como as coisas funcionam, realmente? são questões ontológicas como já dissemos atrás. O paradigma positivista se encontra enraizado numa “*realist ontology*”, quer dizer, na crença de que a

realidade está por fora e é guiada pelas imutáveis leis da natureza. A luz deste paradigma, o importante para a ciência é descobrir a verdadeira natureza da realidade e como ela realmente funciona, ou seja, o fim último da ciência é prever e controlar os fenômenos naturais. O positivismo é caracterizado por uma epistemologia objetivista, ou seja, por um conhecimento que se assume ser objetivo. Este paradigma é caracterizado por uma metodologia experimental que consiste na manipulação do objeto em estudo.

O pós-positivismo por sua vez, construído inicialmente como uma tentativa de superar as limitações do positivismo, assenta na ideia de que pese embora, o mundo seja conduzido por causas naturais existentes, é impossível para os humanos percebê-la usando os seus mecanismos sensoriais e intelectuais.

Diferente do positivismo, aqui se privilegia, ontologicamente, uma “crítica da realidade” afastando-se assim de uma “naïve realist posture”. Neste paradigma considera-se que o conhecimento assenta numa epistemologia “modified objectivist”, ou seja, considera-se a objetividade como um ideal regulador, mas também se reconhece que ela não é alcançada de forma absoluta. A objetividade é vista como sendo razoavelmente fechada, esforçando-se para ser o mais neutra possível. Metodologicamente, o pós-positivismo baseia-se numa experimentação modificada fazendo pesquisas em ambientes mais naturais, usando métodos mais qualitativos, dependendo mais da teoria fundamentada e reintroduzindo a descoberta no processo de pesquisa.

Na perspectiva de Guba (1990), considerando todas as alternativas que podem emergir nesta categoria (neo-marxismo, materialismo, feminismo, freirismo...), o termo mais apropriado para designar o paradigma da teoria crítica seria “ideologically oriented inquiry”. O paradigma da teoria crítica, tal como o pós-positivista, assenta numa “critical realist”. Ao contrário do positivismo e do pós-positivismo, realça uma epistemologia subjetiva no sentido em que considera que a investigação é mediada pelos valores. Aqui, considera-se uma metodologia de tipo “dialogic transformative” de modo a facilitar a transformação a qual requer uma metodologia intervencionista.

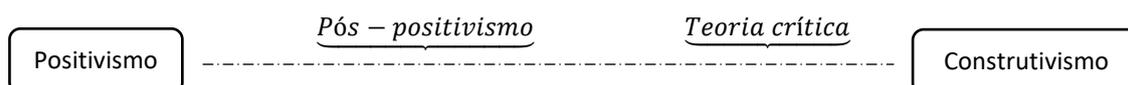
O paradigma construtivista encontra respaldo nos seguintes argumentos: a) teoria da relevância dos factos: considera-se que os factos só se constituem factos apenas dentro de alguma estrutura teórica; b) a indeterminação da teoria: Existem, geralmente, várias teorias para explicar um determinado facto. Portanto, nem sempre uma explicação unívoca é possível. A realidade apenas pode ser vista através das janelas da teoria que pode ser implícita ou explícita; c) A relevância do valor nos fatos: o construtivismo vai de encontro com o argumento da teoria crítica de que uma investigação não pode estar livre dos valores, quer dizer, se a realidade pode, apenas, ser vista através da janela da teoria, ela pode igualmente ser vista apenas através dos valores. Sendo assim, são possíveis várias construções. Diferente do que ocorre nos outros paradigmas enumerados

atrás, o construtivismo assenta numa base ontológica relativista² no sentido em que nele se considera que a realidade existe na forma de múltiplas construções mentais, ou seja, a realidade é múltipla em função da multiplicidade de construções individuais. Em relação à epistemologia, este paradigma assenta numa base subjetivista considerada como o meio para desbloquear/ter acesso às construções feitas pelos indivíduos e, isto, tem relação direta com as opções metodológicas. Os construtivistas tentam levar ao máximo consenso possível as variedades de construções individuais com base numa metodologia hermenêutica/dialética que consiste, principalmente, em descrever, comparar, contrastar e interpretar as construções individuais (incluindo as do investigador).

Com base nas características ontológicas, epistemológicas e metodológicas de cada um dos paradigmas abordados atrás, pode-se traçar um contínuo onde, nos extremos, se encontram os paradigmas positivista e o construtivista; ao longo (dentro) do contínuo, podemos encontrar – partilhando a mesma base epistemológica, o paradigma pós-positivista mais encostado ao extremo do paradigma positivista. O paradigma da teoria crítica (ideológico), embora partilhe a mesma base ontológica com o pós-positivista, se encontra mais encostado ao extremo do paradigma construtivista com quem também partilha a base epistemológica. Resumindo, o paradigma positivista e o construtivista são os mais antagónicos não partilhando nenhuma das bases entre si – conforme apresentado no esquema a seguir:

Esquema 1

O contínuo dos paradigmas de investigação



A débil partilha das bases (ontológicas, epistemológicas e metodológicas), faz com que cada paradigma seja apresentado como um quite completo (pronto a usar), um aparelho com tudo incluído sem a necessidade de uso de acessórios extras ou peças adicionais. Assim a polarização das características dos paradigmas, se constituiu como um primeiro momento do debate sobre os paradigmas desde os anos 50 do século XX.

1.2. Paradigmas e métodos de investigação: Incompatibilidade, complementaridade e integração.

As bases paradigmáticas (ontológicas, epistemológicas e metodológicas) podem servir como referências na distinção entre os paradigmas. O segundo momento do debate iniciado nos anos 50 do século XX sobre o assunto, versa sobre a relação paradigma -

² *Relativism is the key to openness and the continuing search for ever more informed and sophisticated constructions (cf. Guba, 1990, p. 26).*

método. Este debate, gira em torno de duas perspectivas em confronto: o paradigma convencional “(aka, with varying shades of meaning, the scientific, positivist, objective, experimental, and/or quantitative paradigm) e os paradigmas alternativos (aka, the naturalistic, pos-positivistic, ethnographic, phenomenological, subjective, case-study, and/or hermeneutic paradigm [...])” (Guba e Lincoln, 1988, p. 89). Os críticos e os defensores destas perspectivas não consideram o debate apenas como um desacordo em relação às vantagens e desvantagens dos métodos qualitativos [associado, principalmente ao paradigma construtivista] e quantitativos [associado ao paradigma positivista], mas também como um choque básico entre paradigmas. Nesta concepção, cada tipo de método está ligado a uma perspectiva paradigmática distinta e única. Isto é, como meras coleções de diferentes estratégias e técnicas (Guba e Lincoln, 1988). Estas, são as perspectivas em confronto. Criticando esta posição, Cook e Reichard (1997), pensam que colocado desta maneira, estas afirmações, podem levar a concluir que os métodos qualitativos e quantitativos nunca podem ser utilizados em conjunto. Contrapondo a posição destes dois autores, Patton (1988), por sua vez, ressalta que o propósito de se fazer uma distinção do modo como os paradigmas funcionam na “vida real” - por meio da descrição das características de cada um deles - tem como objetivo libertar os investigadores da ligação que têm com um único paradigma (tendencialmente no que foram treinados). Logo, Patton (1988) refere que “*The fallacies in the Cook e Reichard assumptions reside in the absolute and overstated conditions they attach to paradigm choices and distinction*” (Patton, 1988, p. 119). Portanto, a primeira das nove questões mais frequentes sobre a investigação qualitativa apresentadas por Bogdan & Biklen (1994) parece ser ainda recorrente nos dias de hoje, por isto preferimos reconfigurá-la nos seguintes termos: é possível, num mesmo estudo, utilizar uma abordagem mista?

Por conceberem o mundo de maneiras diferentes, os pesquisadores normalmente usam diferentes métodos de investigação. Os métodos qualitativos e quantitativos normalmente não são utilizados juntos (cf. Patton, 1988). Embora Patton assuma estes pressupostos como sendo suposições descritivas, mais de caráter pedagógicas, e não, necessariamente, prescritivas, para Cook e Reichard (1988), estas suposições conduzem intencionalmente ou não à conclusão de que nunca se deve utilizar de forma conjunta os métodos qualitativos e quantitativos. A título de exemplo, Fetterman (1988) considera que, há algum tempo, se desenvolveu um mito de que a etnografia se preocupa exclusivamente com o domínio qualitativo e a avaliação educacional com dados quantitativos. Para este autor, na prática, essas duas medidas geralmente funcionam juntas. Os dados quantitativos podem ser validados por observações qualitativas. Uma boa etnografia requer uma mistura quali-quantitativa? Para Fetterman, o componente etnográfico do estudo *career intern program* (CIP) documentou resultados quantitativos e qualitativos do mesmo programa. O estudo integrou com sucesso os dados qualitativos e quantitativos. Aliás o próprio Patton (1990), mais tarde, chega a esclarecer que parte da confusão no debate sobre os paradigmas veio da sutil importância da distinção entre paradigmas

alternativos vistos como visões de mundo concorrentes e paradigmas alternativos conceituados como visões de mundo incompatíveis. Logo, *“because quantitative and qualitative methods involve differing strengths and weakness, they constitute alternative, but not mutually exclusive, strategies for research. Both qualitative and quantitative data can be collected in the same study”* (Patton, 1990).

Os dois principais paradigmas de investigação vêm de tradições diferentes. O conglomerado de atributos que integram o paradigma quantitativo provém das ciências naturais e agronômicas, ao passo que o paradigma qualitativo teve sua origem nos trabalhos da antropologia social e de sociologia, sobre tudo os da Escola de Chicago. Portanto, existem diferentes formas de se fazer ciência que levam a uma explicação compreensiva e a uma compreensão explicativa dos fenômenos que são objeto de estudo. Ambas perspectivas são necessárias, ambas podem funcionar juntas e complementando-se uma a outra (Cook & Reichard, 1997; Bogdan & Biklen, 1994). Pelo menos neste quesito, pode dizer-se que há, entre os autores citados, um certo consenso em admitir, que embora sejam geralmente vinculados a certos paradigmas, os métodos quantitativos e qualitativos podem assumir uma lógica de complementaridade. Estas afirmações conseguem esclarecer algumas dúvidas em relação a utilização conjunta dos métodos num estudo, todavia, elas não findam o debate. Assim a partir delas ainda podemos fazer a seguinte questão:

1.3. Como são tomadas as decisões de escolha dos métodos por parte do investigador?

Retomando à definição de Patton (1990), pode se perceber, que os paradigmas, geralmente, influenciam e, nalguns casos, até determinam as opções dos seus adeptos, aderentes e/ou praticantes – como já tivemos a oportunidade de assinalar atrás. Para além de serem um elemento influenciador e/ou determinador, estes também são normativos informando implicitamente o que é importante, legítimo, razoável e, sobre tudo, o que os seus praticantes devem fazer o que, obviamente, inclui as opções pelos métodos de investigação o que, posteriormente, também tem repercussão na escolha das técnicas. Este argumento enfatiza, de algum modo, um certo determinismo que, no plano da ação e das opções, pode não funcionar exatamente como estabelecido. Sobre o assunto,

“My investigation into how methods decisions are made revealed little logic and even less adaptation to situational needs. Methods decisions tend to stem from disciplinary habits and Comfort with what the researcher knows best. Training and academic socialization tend to make researcher biased in favor of or against certain approaches”(Patton, 1990, p. 117).

Apesar do assinalado acima, tendo em consideração o argumento de Patton, acredita-se que os paradigmas não são os únicos determinantes na escolha dos métodos (Reichard &

Cook, 1997). Acrescentando nas razões que já foram apresentadas, no quadro-2 podemos observar a contribuição dada por Creswell (1994) em relação à questão em debate.

Quadro 2

Critérios de seleção dos métodos qualitativos e quantitativos.

| Critério | Métodos quantitativos | Métodos qualitativos |
|---|---|--|
| Visão do mundo (do investigador) | Conforto do pesquisador com os pressupostos ontológicos, axiológicos, retóricos e metodológicos do paradigma quantitativo | Conforto do pesquisador com os pressupostos ontológicos, axiológicos, retóricos e metodológicos do paradigma qualitativo |
| Treino e experiência do investigador | Habilidades de redação técnica, habilidades de análise estatísticas, habilidades de pesquisa de fontes bibliográficas | Habilidades de escrita literária, habilidades de análise de texto, habilidades de pesquisa de fontes bibliográficas |
| Atributos psicológicos do investigador | Conforto com diretrizes e regras para a realização desse tipo de pesquisa, baixa tolerância à ambiguidade [subjetividade], estudos de curta duração | Conforto com a falta de regras e procedimentos específicos para a realização de pesquisas, alta tolerância à ambiguidade, estudos de longa duração |
| Natureza do problema | Anteriormente estudado por outros pesquisadores a partir do corpo de literatura existente, variáveis conhecidas, teorias existentes | Pesquisa exploratória, variáveis desconhecidas, importância [valorização] do contexto, podem carecer de bases teóricas para o estudo |
| Público para o qual é apresentado o estudo (por exemplo, editores e leitores de periódicos, comitês de avaliação de pós-graduação...) | Indivíduos que se revêm / que apoiam estudos quantitativos | Indivíduos que se revêm / que apoiam estudos qualitativos |

Fonte: Creswell (1994)

Embora não esgote todo o leque de razões para se adotar um ou outro método, acrescentando os elementos do quadro – 2 à influência exercida pelos paradigmas, pode-se dizer que já há elementos que podem nos ajudar a perceber os motivos pelos quais muitos investigadores optam por um método em detrimento do outro. Este quadro, com certeza, mereceria a crítica de Reichard e Cook pelo modo como polariza os métodos e pela forma como escapa (foge) ao diálogo dos paradigmas (Guba, 1990). Mas do ponto de vista pedagógico podemos lhe reconhecer alguma pertinência. Que um estudo pode ser caracterizado por uma *mix* abordagem é já sabido que sim; agora, consideremos a seguinte questão:

1.4. Quais são as vantagens de empreender um estudo quali-quantitativo (*mix method*)?

Um investigador não tem razões para aderir cegamente a um ou outro paradigma polarizado com a denominação de qualitativo ou quantitativo. Deste modo, o investigador pode livremente optar por um *mix method* quali-quantitativo em função das exigências do seu problema de investigação (Reichard & Cook, 1997). Começando pelas vantagens, o autor citado aponta pelo menos três: i) objetivos múltiplos – a variedade de condições exige uma variedade de métodos; ii) reforço mútuo dos métodos: empregados em conjunto os métodos podem reforçar-se uns aos outros criando sinergias para nos fornecerem resultados que nenhum deles nos daria individualmente; iii) Triangulação – como nenhum método está livre de limitações, podemos chegar ao resultado que pretendemos mediante o emprego de várias técnicas a partir das quais o investigador efetuará a triangulação. O que deve ficar claro aqui é que a triangulação não é exclusiva às abordagens *mix*; aliás ela é mais antiga nos trabalhos com uma só abordagem metodológica. Em suma, a ideia que se passa ao enumerar as vantagens das abordagens *mix*/quali-quantitativas é a de que por meio dela podemos conseguir o melhor dos dois mundos, um produto híbrido de melhor qualidade, ou seja, defende-se a coabitação dos enfoques qualitativos e quantitativos em função do que se afigura ser a melhor solução do problema a estudar (Coutinho, 2018).

Como é espectável - tendo noção do ditado popular de que “ninguém é perfeito”, as abordagens *mix* também têm os seus defeitos. Ainda que seja possível, e nalguns casos desejável “[...], tentar conduzir um estudo quantitativo sofisticado ao mesmo tempo que qualitativo aprofundado pode causar vários problemas” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 63), e aqui assinalamos pelo menos quatro: i) uma abordagem *mix* pode ser relativamente mais cara que uma abordagem única; ii) uma abordagem *mix* pode requerer muito mais tempo do que o normal exigindo mais recurso [pode ser possível, mas não recomendável a estudantes com prazos muito apertados, o caso dos bolsiros]; iii) o investigador tem de ser suficientemente treinado em todos os métodos de modo a poder utilizá-los forma conjunta (Cook e Reichard, 1997); iv) se, por um lado, considera-se que a procura pelo melhor dos dois mundos (abordagem *mix*) pode nos proporcionar um produto híbrido de melhor qualidade, por outro lado, também pode originar “[...] algo que não preencha os requisitos de qualidade para nenhuma das abordagens [...], tais estudos, normalmente, “[...] acabam por ser estudos mais sobre o método do que sobre o tópico que o investigador queria originalmente estudar” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 64).

2. Conclusão

Kunh (1994), o pai do conceito de paradigma, acreditava não existirem condições em que dois paradigmas concorrentes pudessem coabitar abrindo desse modo o debate iniciado nos anos 50 do século XX. Guba e Lincoln (1988), por sua vez, provaram com base nas questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas as diferentes axiologias no

tocante aos paradigmas. Cook e Reichard (1997) apesar de reconhecerem que os paradigmas diferem nas bases apresentadas acima, criticam asserção do debate numa lógica polarizada entre os paradigmas e os seus respetivos métodos considerando que tal abordagem leva a considerar os paradigmas como sendo incompatíveis, incomunicáveis tal como assumia Kuhn. Ademais, Patton (1988) discorda com este último argumento afirmando que para si a distinção entre os paradigmas é elaborada no sentido pedagógico e que a confusão no debate sobre os paradigmas decorre do fato de considerar os paradigmas concorrentes como sendo incompatíveis levando ao que Fetterman (1988) designa como mito na bordagem dos paradigmas. Embora se assuma que os métodos estão associados aos respetivos paradigmas, “(...) *we need a moral and methodological community that honors and celebrates paradigm and methodological diversity* (Denzin, 2010); neste debate, o consenso é de que, num mesmo estudo, o investigador pode optar por uma abordagem mista privilegiando-se um diálogo entre os paradigmas. Assim,

The dialog is not to determine which paradigm is finally, to win out. Rather, it is to take us to another level at which all these paradigms will be replaced by yet another paradigm whose outlines we can see now but dimly, if at all. It will simply be more informed and sophisticated than those we are now entertaining (Guba, 1990, p. 27).

Aliás, o debate sobre a primazia é irrelevante, é tempo de parar de construir paredes entre métodos, é tempo de começar a construir pontes (Cook & Reichard, 1997, p. 52).

Pese embora a questão dos paradigmas se afigure importante - influenciando em muitos casos, na escolha dos métodos; operacionalmente, as visões do mundo, a experiência, o treino, a área de especialização, o público a que se destina e o público que avalia o conhecimento produzido são elementos que o investigador deve avaliar de forma criteriosa e, mediante esta avaliação, decidir se opta por um estudo qualitativo, quantitativo ou ainda se prefere uma junção dos dois lembrando, porém, que este requer mais treino, recursos e conhecimento sobre todos os métodos a utilizar de forma não tornar o seu estudo num estudo sobre o método (Bogdan e Biklen, 1994). Portanto, do nosso ponto de vista, independentemente das opções em termos de paradigmas e métodos, o mais importante é que essas decisões sejam bem informadas.

3. Conflicto de intereses

O autor declara que não há conflito de interesse em relação ao artigo apresentado.

4. Referências bibliográfica

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

- Cook, T. D., & Reichardt, C. S. (1997). *Métodos Cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa* (3ª ed.). Madrid: Morata.
- Coutinho, C. P. (2018). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Creswell, J. W. (1994). *Research design: Qualitative and quantitative approaches*. California: Sage Publications, Inc.
- Denzin, N. K. (2010). Moments, Mixed Methods, and Paradigm Dialogs. *Qualitative Inquiry*, 16(6), 419 - 427. doi:0.1177/1077800410364608
- Fetterman, D. M. (1988). Ethnographic Educational Evaluation. Em D. M. Fetterman, *Qualitative approaches to evaluation in education: The Silent Scientific Revolution* (pp. 41 - 67). New York: Praeger Publishers.
- Guba, E. G. (1990). The Alternative Paradigm Dialog. Em E. G. Guba, *The paradigm dialog* (pp. 9 - 17). California: Sage.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1988). Do inquiry Paradms imply Inquiry Methodologies? Em D. M. Fetterman, *Qualitative Approaches To Evaluation In Education: The Silent Scientific Revolution* (pp. 90 - 115). New York: Praeger Publishers.
- Kuhn, T. S. (1994). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Patton, M. Q. (1988). Paradigm and Pragmatism. Em D. M. Fetterman, *Qualitative Approaches To Evaluation In Education: The Silent Scientific Revolution* (pp. 115 - 137). New York: Praeger Publishers.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation And Research Methods* (2ª ed.). California: Sage.

El artículo que se publica es de exclusiva responsabilidad de los autores y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Ciencia & Turismo**.



El artículo queda en propiedad de la revista y, por tanto, su publicación parcial y/o total en otro medio tiene que ser autorizado por el director de la **Revista Ciencia & Turismo**.

